

O Informativo Mensal de Conjuntura faz parte das publicações e análises efetuadas pela equipe técnica do Boletim de Economia e Tecnologia publicado trimestralmente. O Informativo apresenta uma análise rápida dos principais indicadores conjunturais da economia brasileira, com dados atualizados até o mês anterior à publicação e é disponibilizado aos leitores interessados entre os dias 15 e 20 de cada mês. Download gratuito pode ser feito no site www.boletimdeconjuntura.ufpr.br.

INFLAÇÃO

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), índice oficial de reajustes adotado pelo governo, apresentou no mês de julho uma elevação de 0,24%. O valor mostra uma ligeira redução em relação ao mês de junho quando o índice ficou em 0,28% e um aumento em relação ao mesmo mês de 2006, quando o índice ficou em 0,19%. No ano, o acumulado indica uma elevação de 2,32%, enquanto que, no mesmo período do ano anterior, ele ficou em 1,73%. Nos últimos 12 meses, a variação ficou em 3,74%. Vale ressaltar que esses valores se encontram bem abaixo da meta estipulada pelo Conselho Monetário Nacional (CMN), que é de 4,5% para 2007, com intervalo de 2 pontos percentuais para cima e para baixo. A Tabela 1 mostra os principais índices de inflação.

Tabela 1. Indicadores de Inflação (Variação Percentual)

Discriminação	2007							No Ano	12 meses
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul		
IPCA	0,44	0,44	0,37	0,25	0,28	0,28	0,24	2,32	3,74
IGP-DI	0,43	0,23	0,22	0,14	0,16	0,26	0,37	1,82	4,10
IPA	0,32	0,19	0,11	0,02	-0,04	0,09	0,42	1,11	3,86
IPC-Br	0,69	0,34	0,48	0,31	0,25	0,42	0,28	2,81	3,56
INCC	0,45	0,21	0,27	0,45	1,15	0,92	0,31	3,82	5,05

1 - Divulgado pelo IBGE. Usado no sist. de metas de inflação

2 - Calculado pela FGV. É a média ponderada dada por IGP-di = 60% IPA + 30% IPC + 10% INCC

Tabela 2. Componentes do IGP

Discriminação	Variação Percentual			
	Jun	Jul	No Ano	12 meses
ÍNDICE GERAL DE PREÇOS - DI	0,26	0,37	1,82	4,17
I P A - TODOS OS ITENS	0,09	0,42	1,13	4,02
ESTÁGIOS				
Bens Finais	0,17	-0,15	1,72	1,89
Bens Intermediários	0,09	0,00	2,23	2,95
Matérias-Primas Brutas	0,00	2,01	-1,69	9,19
ORIGEM				
Produtos Agrícolas	0,67	1,79	-0,03	9,51
Produtos Industriais	-0,09	-0,01	1,50	2,37
SÉRIES ESPECIAIS				
Bens Finais (ex)	0,37	0,63	0,95	2,86
Bens Intermediários (ex)	-0,15	-0,09	1,74	3,24
I P C - TODOS OS ITENS	0,42	0,28	2,80	4,20
Alimentação	1,02	1,26	6,63	8,40
Habitação	0,29	-0,40	1,16	1,54
Vestuário	0,53	-0,31	-2,86	-0,47
Saúde e Cuidados Pessoais	0,26	0,34	3,07	4,61
Educação, Leitura e Recreação	0,41	0,59	2,91	3,43
Transportes	-0,37	-0,26	1,03	3,99
Despesas Diversas	0,34	0,59	2,76	5,23
SÉRIE ESPECIAL				
Núcleo do IPC	0,34	0,26	1,92	3,06
I N C C - TODOS OS ITENS	0,92	0,31	3,83	5,03
Materiais e Serviços	0,34	0,40	2,98	4,69
Mão-de-Obra	1,57	0,20	4,77	5,40

Fonte: Divisão de Gestão de Dados - IBRE/FGV

Bens finais (ex) - exclusive alimentos "in natura" e combustíveis para consumo

Bens Intermediários (ex) - exclusive combustíveis para produção

Entre os principais fatores responsáveis pela elevação do IPCA, em julho, estão os itens **leite e derivados** (11,31%), **ônibus interestadual** (4,78%) e **empregados domésticos** (1,14%). Por outro lado, alguns itens minimizaram o impacto sobre o IPCA. Entre eles, destacam-se **energia elétrica**, (-3,01%), **combustíveis** (-0,98%) e **remédios** (-0,32%).

Em resumo, os dados recentes de inflação mostram que o crescimento da economia em 2007 não tem provocado aumentos substanciais do nível de preços em virtude da expansão da demanda agregada. O que se observa é que a flexibilização da política monetária, ao permitir a elevação do consumo de bens duráveis, tem contribuído também para estimular a expansão dos investimentos, o que acaba minimizando os efeitos inflacionários no médio e longo prazo.

NÍVEL DE ATIVIDADE

A tabela 3 apresenta os indicadores da produção industrial por categorias de uso. O primeiro ponto importante a ser observado é o aumento da produção industrial geral na passagem de maio para junho de 1,2% na série livre de influências sazonais. Ao compararmos a produção industrial de junho do corrente ano com junho de 2006, observamos uma expansão bastante considerável, de 6,6% na atividade industrial geral. Esse número mostra que o setor industrial no Brasil vem apresentado um crescimento razoável, apesar das preocupações com as taxas de câmbio e de juros.

**Tabela 3. Indicadores da Produção Industrial por Categorias de Uso
Brasil – Junho de 2007**

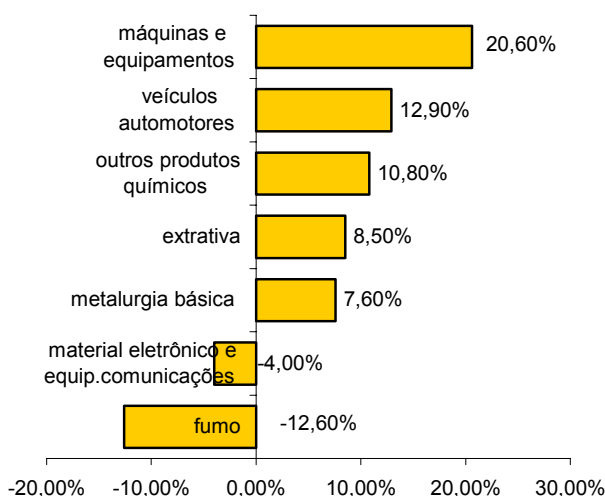
Categorias de Uso	Variação (%)			
	Maio de 2007*	Junho de 2006	Junho de 2007	Acumulado 12 meses
Bens de Capital	1,2	17,4	16,7	11,5
Bens Intermediários	0,8	5,3	4,1	3,3
Bens de Consumo	1,7	5,9	3,3	3,1
Duráveis	2,2	7,7	4,4	4,3
Semiduráveis e Não-Duráveis	2,5	5,4	2,9	2,7
Indústria Geral	1,2	6,6	4,8	3,9

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

* Série com ajuste sazonal

Analisando os dados por categorias de uso da indústria, observamos que, na passagem de maio para junho, houve expansão maior na produção de bens de consumo, especialmente no caso de bens semiduráveis e não-duráveis, apresentando um crescimento de 2,5% na série livre de influências sazonais. Em um período mais amplo, no entanto, quem apresenta forte ritmo de crescimento é a produção de bens de capital. Em relação a junho de 2006, a produção de junho do corrente ano apresentou expansão de 17,4%.

**Gráfico 1. Setores industriais com maiores expansões e contrações
Junho 2006 – Junho 2007 (Fonte: IBGE)**



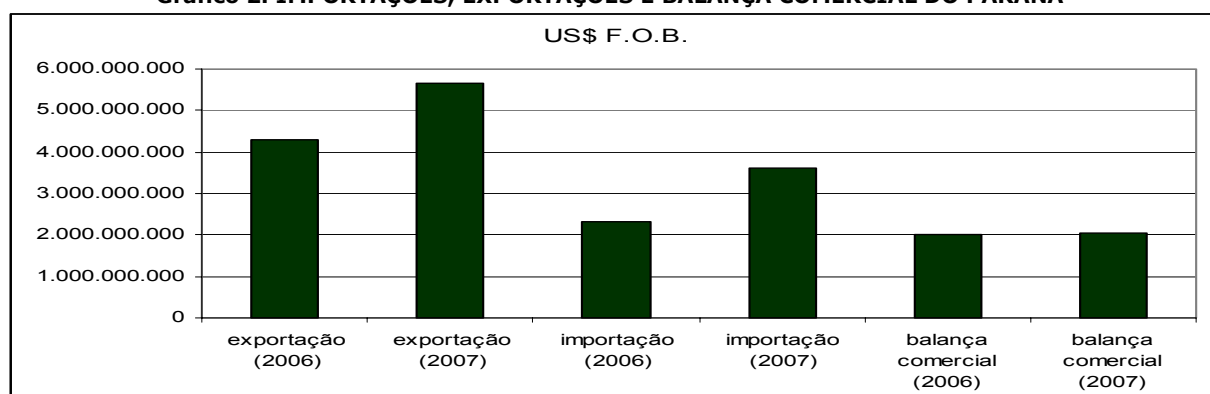
Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

De acordo com o Gráfico 1, na comparação junho de 2007 contra junho de 2006, dos 27 setores pesquisados 22 apresentaram índices positivos, sendo que **máquinas e equipamentos (20,6%)** se manteve como a indústria de maior impacto positivo na formação da taxa global, seguida por **veículos automotores (12,9%)**, **outros produtos químicos (10,8%)**, **extrativa (8,5%)** e **metalurgia básica (7,6%)**. Entre as cinco atividades que mostraram queda em relação a junho de 2006, destacaram-se **fumo (-12,6%)** e **material eletrônico e equipamentos de comunicações (-4,0%)**.

ECONOMIA PARANAENSE

Apesar do recente processo de valorização cambial, as exportações paranaenses apresentaram um desempenho excepcional no primeiro semestre de 2007 quando comparado ao mesmo período de 2006. Isso fica claro quando se compara as duas primeiras colunas no gráfico 1:

Gráfico 2. IMPORTAÇÕES, EXPORTAÇÕES E BALANÇA COMERCIAL DO PARANÁ



Fonte: elaboração própria a partir de dados do SECEX/MDIC.

Notas: valores em US\$ F.O.B. para o primeiro semestre de cada ano

Na mesma Figura 1, pode-se notar que o montante de importações também apresentou um considerável aumento, no mesmo período de tempo. Conseqüentemente, o saldo da balança comercial paranaense permaneceu praticamente inalterado. No entanto, considerando em termos percentuais, enquanto as exportações tiveram uma elevação de 31,5%, as importações se elevaram em 57%!

Olhando para as exportações do estado, pela classificação dos setores das Contas Nacionais para o primeiro semestre de 2006 e 2007, na Tabela 4, podemos ver que o setor de bens de capital é o que mais está perdendo participação com a valorização do câmbio. Considerando o setor de bens intermediário, o segmento de peças e acessórios de equipamentos de transporte também está sofrendo com esse processo.

TABELA 4. PARTICIPAÇÃO RELATIVA DAS EXPORTAÇÕES (%) NOS SETORES DAS CONTAS NACIONAIS

		exportação (2007)	exportação (2006)	importação (2007)	importação (2006)
Bens de Capital	Bens de capital (excl. equip. de transp. de uso ind.)	6,34	7,64	24,1	24,86
	Equipamentos de transporte de uso industrial	2,87	3,91	0,17	0,16
Bens Intermediários	Alimentos e bebidas destinados a indústria	17,83	16	2,97	2,23
	Insumos industriais	35,03	34,51	32,07	26,64
	Pecas e acessórios de equipamentos de transporte	9,38	13,07	14,97	17,46
	Bens diversos	0,01	0,01	0	0
Bens de consumo	Bens de consumo duráveis	10,74	7,71	7,15	4,09
	Bens de consumo não duráveis	15,63	14,69	4,91	6,53
Combustíveis e Lubrificantes	Combustíveis e lubrificantes	0,84	0,75	13,66	18,02
Demais Operações	Demais operações	1,33	1,72	0	0

Fonte: elaboração própria a partir de dado do SECEX/MDIC

Pelo lado das importações, a maior aumento foi em insumos industriais. Lembrando do excepcional incremento no montante de importações no período, a elevação das importações de bens de capital também foi considerável. Isso pode ser um indicativo que está ocorrendo um efeito substituição de bens de capital nacional por estrangeiro, além das empresas estarem aproveitando a valorização do câmbio para elevarem os investimentos.

Considerando um nível mais desagregado, entre os segmentos que mais ganharam participação nas exportações totais do estado, entre os primeiros semestres de 2006 e 2007, estão: outros grãos de soja, mesmo triturados (de 7,71 para 9,02%); automóveis com motor a explosão (de 2,96 para 5,64%); milho em grão, exceto para semeadura (de 2,64 para 5,35%); açúcar de cana, em bruto (de 1,32 para 2,63%); e álcool etílico não desnaturado (de 0,43 para 1,47%). Assim, pelos produtos que aumentaram a participação no total exportado, pode-se concluir que o estado do Paraná também está aproveitando a onda de expansão da economia mundial e do ciclo de valorização dos insumos em nível internacional, explicando o aumento das exportações apesar da valorização cambial.

O problema é que as importações estão se elevando mais do que proporcionalmente, o que pode causar problemas para a balança comercial paranaense em um futuro próximo, além da mudança estrutural causada pelo processo de valorização ter impactos sobre o crescimento econômico paranaense de longo prazo.

SETOR EXTERNO

O saldo da balança comercial brasileira tem desafiado muitos economistas, pois tem permanecido alto, mesmo com a valorização do real ao longo dos últimos três anos. O saldo acumulado entre janeiro e julho de 2007 está em US\$ 23,985 bilhões. Este valor é inferior ao mesmo período de 2006. O que explica a queda do saldo da balança comercial é que as importações estão aumentando à uma velocidade maior que as exportações.

No caso das exportações, o valor exportado entre janeiro e julho de 2007 é 16,9% maior que o mesmo período em 2006. Diversas hipóteses ou explicações podem ajudar a compreender o dinamismo das exportações brasileiras, mesmo diante do efeito negativo do câmbio.

A primeira delas é a conjuntura internacional favorável. Estima-se que a economia mundial cresça 5,0% a 5,5% em 2007, com países como China, Índia, grandes consumidores de *commodities*, crescendo acima disto. O demanda mundial por *commodities* está aquecida e isto explica boa parte do crescimento das exportações brasileiras. De fato, as exportações de produtos básicos são as que mais aumentaram em 2007, atingindo 25,6%.

A segunda explicação, mas ainda carente de comprovação, é a tese da "reestruturação produtiva". Os ganhos de produtividade compensam as perdas do câmbio. Este movimento estaria alterando a estrutura dos termos de troca do país, por meio do aumento de exportação de produtos de maior valor agregado, reflexo do amadurecimento e aumento de competitividade de certos setores produtivos do país. Não é o que se observa numa primeira análise dos dados agregados das exportações, pois os produtos manufaturados cresceram 12,8% em 2007, menos que os demais. A reestruturação produtiva pode, no entanto, explicar este crescimento de 12,8%, sem o que, ele poderia ser bem menor.

O efeito da valorização do câmbio se faz sentir mais fortemente na conta das importações, cujo aumento de 27,9% em 2007 é bem superior ao aumento de 16,9% nas exportações.

O aumento das importações pode ser benéfico à economia caso as indústrias estejam aproveitando a queda dos preços dos bens de capital proporcionada pela valorização cambial, para modernizar suas plantas. Extrapolando os dados de jan-jul/2007 estima-se que a importação de bens de capital ficará acima de 2006 atingindo o montante de US\$ 22,673 bilhões. Apenas US\$ 3,0 bilhões acima.

O efeito deletério do câmbio se torna visível nas demais contas de importação. O crescimento das importações de bens de consumo não duráveis e duráveis já são 37,0% e 31,1% maiores e das importações de matérias primas e produtos intermediários, 28,8%. Bens de consumo e bens intermediários serão os responsáveis pela queda do saldo da balança comercial em 2007. O caso das matérias-primas e produtos intermediários é mais dramático, tendo aumentado em US\$ 7,079 bilhões no período jan-jul/2007 em relação ao ano anterior.

Mesmo que a "reestruturação produtiva" possa ajudar explicar parte do sucesso das exportações, esta tese não pode ser evocada para sustentar a atual política cambial, cujos efeitos nefastos sobre o equilíbrio das transações correntes, especialmente da balança comercial, se tornam óbvios. Os ganhos de exportação "produtiva" não compensam o aumento das importações "improdutivas".

TABELA 5. Balança Comercial - Em US\$ milhões

Balança Comercial Principais Contas	2001*	2006		2007		Variação 2006-2007	
		Jan-Jul	Ano	Jan-Jul	Extrapol	Jan-Jul	Anual
Exportações Totais	58 287	74 708	137 807	87 333	149 714	16,9%	8,6%
Produtos básicos	15 349	21 705	40 285	27 257	46 726	25,6%	16,0%
Produtos semi-manufaturados	8 244	10 234	19 523	12 090	20 726	18,1%	6,2%
Produtos manufaturados	32 957	41 016	75 018	46 251	79 287	12,8%	5,7%
Operações especiais ^{2/}	1 736	1 753	2 981	1 735	2 974	-1,0%	-0,2%
Importações Totais	55 601	49 516	91 350	63 348	108 597	27,9%	18,9%
Bens de capital	14 829	10 516	18 919	13 226	22 673	25,8%	19,8%
Bens de Consumo não duráveis	3 632	3 115	5 918	4 269	7 318	37,0%	23,7%
Bens de consumo duráveis	3 522	3 112	6 079	4 080	6 994	31,1%	15,1%
Combustíveis e lubrificantes	6 277	8 165	15 197	10 086	17 290	23,5%	13,8%
Matérias-primas e produtos interm.	27 341	24 608	45 237	31 687	54 321	28,8%	20,1%
Saldo = Exp - Imp	2 686	25 192	46 457	23 985	41 117	-4,8%	-11,5%

Fonte: MDIC/Secex

Coluna Extrapol - Extrapolação simples: (Jan-mai) ÷ 7 × 12

FINANÇAS PÚBLICAS

A Receita total do Governo Central apresentou em junho uma arrecadação de R\$ 49,5 bilhões, ou seja, 2,5% acima do apresentado em maio (R\$ 48,2 bilhões). No semestre, o resultado foi de R\$ 295,5 bilhões, ou seja, 13,15% superior ao resultado do mesmo período de 2006 (R\$ 261,2 bilhões). Esse aumento é fruto, entre outros fatores, do desempenho da economia, da evolução do nível de preços e do ingresso dos programas de parcelamento de débitos junto à Secretaria da Receita Federal, Procuradoria Geral da Fazenda Nacional (PGFN) e INSS adotado em 2006 (MP nº 303/2006).

A despesa total do governo federal, por sua vez, se manteve praticamente estável em junho (R\$ 34,5 bilhões) em relação ao mês de maio (R\$ 34,1 bilhões). Já nos primeiros seis meses do ano, a despesa total ficou em R\$ 199,4 bilhões contra R\$ 176,9 bilhões no mesmo período de 2006, o que representa uma variação de 12,74%. Entre os principais fatores desse crescimento estão: 1) o aumento nas despesas de custeio e capital em 12,8%, elevando sua participação no PIB de 4,79% para 4,93% no ano; 2) o aumento na rubrica de Pessoal e Encargos em 13%, com participação no PIB de 4,39% contra 4,51%; e 3) o aumento dos gastos com o Regime Geral de Previdência Social (RGPS) de R\$ 74,2 bilhões no primeiro semestre de 2006 para R\$ 83,6 bilhões em 2007, aumentando sua participação no PIB de 6,71% para 6,88%.

TABELA 6. RESULTADO PRIMÁRIO DO GOVERNO CENTRAL - EM R\$ BILHÕES

Discriminação	Maio	Junho	Var. %	Jan-Junho		Var. %
	2007	2007		2006	2007	
Receita Total	48.230	49.423	2,5	261.190	295.533	13,15
Receita do Tesouro	37.290	38.395	3,0	205.245	232.080	13,07
Receita da Previdência Social	10.837	10.928	0,8	55.226	62.836	13,78
Receita do BCB	103	99,1	-3,8	718	616	-14,21
Transf. a Est. e Municípios	9.423	9678	2,7	45.727	52.347	14,48
Receita Líquida	38.807	39.745	2,4	215.463	243.185	12,87
Despesa Total	33.984	34.447	1,4	176.865	199.400	12,74
Despesa do Tesouro	19.656	19.964	1,6	101.854	114.862	12,77
Pessoal e Encargos	8.497	9.030	6,3	48.543	54.744	12,77
Custeio e Capital	11.105	10.922	-1,6	53.013	59.892	12,98
Desp. da Previdência Social	14.187	14.315	0,9	74.201	83.620	12,69
Despesas do BCB	141	167,6	18,9	809,6	917,8	13,33
Res. Primário do Gov. Central	4.822	5.298	9,9	38.598	43.785	13,44
Tesouro Nacional	8.210	8.753	6,6	57.664	64.870	12,50
Previdência Social	-3.349	-3.386	1,1	-18.975	-20.783	9,53
Banco Central (BCB)	-38	-68,5	80,0	-91,3	-301,8	230,55
Resultado Primário/PIB	-	-	-	3,49%	3,6%	-

Fonte: Secretaria do Tesouro Nacional

Com os dados apresentados acima o resultado primário do governo central no acumulado do semestre alcançou R\$ 43,8 bilhões, resultado 13,4% superior ao do mesmo período de 2006, somando R\$ 38,6 bilhões, como mostra a tabela 4.

A Dívida Líquida do Setor Público (DLSP) atingiu, em junho, R\$ 1.095 bilhões, representando 44,3% do PIB. Em maio, a DLSP havia sido de R\$ 1.096,7 bilhões, ou seja, 44,7% do PIB. O superávit primário de R\$11,6 bilhões foi o fator que mais contribuiu para essa queda. Nos primeiros seis meses do ano a DLSP foi reduzida em 0,6 p.p em virtude do resultado primário e do efeito do crescimento do PIB valorizado.

Em relação à Dívida Pública Mobiliária Federal Interna (DPMFi), sua composição apresentou os seguintes resultados em junho: Selic (33,67%), com queda de 2,61 p.p.; câmbio (1,06%), com queda de 0,02 p.p.; prefixados (38,71%), com aumento de 1,65 p.p.; índice de preços (24,29%), com aumento de 0,96 p.p.; e TR (2,27%). O Custo Médio da DPMFi no mês de junho ficou em 12,71% contra 11,99% do mês de maio, sendo que o prazo médio ficou em 34,43 meses, ou seja, 1,25 p.p. acima do apresentado em maio.

Equipe Técnica:

Guilherme R. S. Souza e Silva. Mestrando em Desenvolvimento Econômico pela UFPR. Foco de estudo na área de Macroeconomia. guilherme.fdg@uol.com.br

Jedson César de Oliveira. Mestre em Desenvolvimento Econômico pela UFPR. Foco de estudo na área de Finanças Públicas e de Macroeconomia. jecoli@sociais.ufpr.br

João Basílio Pereima Neto. Doutorando em Economia pela UFPR. Professor de Economia e Coordenador de Pós-Graduação em Finanças Corporativas e Mercados Financeiros na UniBrasil. Membro da equipe técnica do Boletim. joaobasilio@unibrasil.com.br

Luciano Nakabashi. Doutor em economia pelo CEDEPLAR/UFMG e professor adjunto do departamento de economia da UFPR. luciano.nakabashi@ufpr.br